

Rádio e tecnologias digitais: desafios para a formação do jornalista

Sônia Caldas Pessoa

2009

Índice

| | |
|---|---|
| 1. Radiojornalismo e tecnologias digitais | 1 |
| 2. O ensino de Radiojornalismo | 4 |
| 3. Considerações finais | 8 |
| 4. Referências | 9 |

Resumo

As tecnologias digitais provocam transformações consideráveis no Jornalismo e, por consequência, no Radiojornalismo. São inúmeros os desafios para professores, alunos e as diversas instâncias pedagógicas das instituições de ensino superior. Partindo da conceituação do rádio e da internet surgem questionamentos sobre a prática do Radiojornalismo e sobre o ensino de Radiojornalismo. Como manter a essência do rádio, levando aos alunos conceitos e informações, mantendo-os interessados no *rádio convencional* diante de tamanhas inovações tecnológicas experimentadas por eles fora da sala de aula? De que forma as instituições de ensino superior podem se adequar para permitir aos alunos vivenciar o rádio dentro da própria instituição? E os professores estão preparados e aceitam modificações na metodologia e no cotidiano da sala de aula?

Palavras-chave: ensino, radiojornalismo, tecnologia digital, rádio, internet

1. Radiojornalismo e tecnologias digitais

O ensino de Radiojornalismo é uma das inquietações constantes de alguns professores de Jornalismo diante de mudanças socioeconômicas e de impactos provocados por novas tecnologias. Nesse cenário de incertezas, no qual têm lugar transformações também no Jornalismo, um dos atores de destaque são os meios de comunicação e a sua relação com a internet. E as mutações desses meios apresentam, por seu turno, necessidade de revisões sucessivas do currículo dos cursos de graduação em Jornalismo, dos planos de ensino e da metodologia em sala de aula. Mas abrem espaço também para repensar a estrutura das instituições de ensino superior, ensejando a mudança das tradicionais posturas institucionais, que dificultam a implantação de métodos atualizados de ensino mais atraentes para os alunos e mais próximos do mercado profissional.

O rádio seria um dos meios que mais foram impactados por mudanças ao longo de sua história levando a reflexões con-

stantes sobre a sua conceituação e a necessidade de se manter a sua essência. Meditsch (2001:229) se preocupa com a análise do meio rádio e defende, como ele próprio afirma, de maneira radical, a associação do rádio ao som e não a características secundárias à sua especificidade. A partir da definição do autor temos uma definição clara do meio rádio, excluindo dessa categoria midiática outras modalidades de áudio na internet, como o *podcasting*¹ ou a *webradio*².

Se não for feito de som, não é rádio, se tiver imagem junto, não é mais rádio, se não emitir em tempo real (o tempo da vida real do ouvinte e da sociedade em que está inserido) é fonografia, também não é rádio.

O uso de sons e códigos sonoros, que incluem até mesmo o silêncio, exerce influência sobre a audiência, como ressalta Bakhtin, ao escrever “que percebemos o visto como algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós” (*apud* Eco, 2001). McLuhan considera o rádio como um meio quente de comunicação de massa, por prolongar, em um primeiro momento, um único sentido do ser humano, fazendo-o em alta definição para, num momento posterior, paulatinamente, envolver outros sentidos. É do autor a análise de que o rádio, que seria um “sistema nervoso de informação”, tem influência peculiar sobre os cidadãos. “O rá-

¹ Medeiros (2007) observa que o *podcasting* é áudio na internet sem apresentar elementos radiofônicos, que serão explicados neste artigo.

² Trigo-de-Souza (2002) define *webradio* como emissora que transmite programação via internet e que não existe no dial.

dio afeta as pessoas, digamos, como que pessoal-men-te, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio” (McLuhan: 1969:336).

Mas a internet se faz presente nas atividades rotineiras dos meios de comunicação, especialmente do rádio. Traz uma percepção diferenciada da comunicação ao romper a hierarquia clássica entre produtores e receptores, estabelecendo uma comunicação que atinge simultaneamente milhares de pessoas.

A internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que McLuhan chamou de a “Galáxia de Gutenberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da internet (Castells, 2003:8).

Medeiros (2007) se ocupou da categorização do áudio na internet, identificando elementos que ele considera essenciais para a composição do rádio: a linguagem radiofônica, o discurso radiofônico, o locutor, a grade de programação, vinhetas ou assinaturas musicais, chamadas, blocos comerciais e blocos jornalísticos. A internet, neste sentido, seria o suporte para a transmissão de emissoras analógicas que mantêm a programação disponível também *on-line* e o meio, onde gêneros diversos de áudio são encontrados: “A internet é uma estrada por onde transita a TV, transita o arquivo, transita o texto e agora transita o rádio” (Barbeiro *apud* Quadros *et AL*, 2004: 1).

É importante mencionar aqui as mudanças pelas quais o Jornalismo e o Radiojornalismo passaram nos últimos anos. Souza (2005) relaciona quatro grandes transformações marcantes no Jornalismo, que teriam interferido diretamente na formação dos profissionais da área: (1) o aproveitamento da internet como meio de difusão desde o início dos anos 90; (2) a formação de grandes conglomerados midiáticos; (3) os conteúdos adaptados às necessidades de mercado; e (4) o aproveitamento das tecnologias para produção e difusão de conteúdos digitais.

A mutação das técnicas de produção ocasionou uma *remodelagem* do Radiojornalismo brasileiro, nas palavras de Del Bianco (2004). Um vôo panorâmico pela história do Radiojornalismo nacional revela mudanças que podem ser agrupadas por décadas. Nos anos 20 tivemos o jornal impresso lido em voz alta. Os anos 40 foram marcados pelo estilo das agências de notícias e o Repórter Esso. Na década de 50 foi preciso rever a programação e usar gravações, porque a concorrência da TV dificultava a manutenção de um grande elenco. As emissoras especializadas em notícia se consolidaram nas duas décadas seguintes. A revitalização do rádio ocorreu nos anos 80 com o uso de recursos técnicos e firmou-se a reportagem em tempo real, sempre em busca da expansão da audiência. A partir dos anos 90 configurou-se o cenário atual, com a informatização das redações, a substituição de processos analógicos por digitais, o reforço do *ao vivo* e a incorporação de valores típicos da internet à produção radiojornalística:

Entre eles, a cooperação entre usuários, comunicação horizontal, sem hierarquias, entre os integrantes da rede lo-

cal; interatividade e informalidade nas relações entre membros da rede (chefes, editores, redatores e repórteres); livre fluxo de informação produzida dentro da redação; participação e intervenção dos integrantes da rede no conteúdo; acessibilidade a conteúdo próprio e de outros em tempo real; personalização do acesso ao conteúdo; e interatividade entre membros da redação como também entre eles e a audiência seja via email ou site da emissora. (Del Bianco, 2004:9)

A relação paradoxal entre o rádio e internet estimula a concorrência entre ambos na medida em que o rádio busca cada vez mais o noticiário factual, na tentativa de manter duas de suas características, apontadas por Ortriwano (1985) como primordiais, o imediatismo e a instantaneidade. Por outro lado, o rádio depende da internet, como fonte de informação e de checagem e complementação da notícia, ainda que haja um repórter na cobertura *in loco*, para sustentar parte significativa de sua programação jornalística (Del Bianco, 2004).

[A partir do ano 2000 as emissoras analógicas intensificaram a criação de websites na internet para hospedar programação, curiosidades e promoções, entre outros temas. A maioria disponibiliza o áudio ao vivo da programação analógica que está no dial e programas especiais já veiculados, comentários, narração de gols, podcasting dos principais repórteres, comentaristas e âncoras. Nos últimos dois anos algumas emissoras decidiram usar ferramentas para incrementar a relação da emissora com a internet. A instalação de uma câmera nos estúdios

físicos para transmissão via internet é a mais comum dessas ferramentas. A rádio CBN, por exemplo, optou há alguns meses pela câmera em tempo real, para veicular as imagens da programação nacional. Mas o recurso ainda suscita certa surpresa para os amantes do rádio baseado essencialmente no áudio, apesar de servir ao propósito de satisfazer a curiosidade de ouvintes em conhecer os bastidores de uma emissora ou pelo menos o funcionamento de um estúdio radiofônico.]A partir do ano 2000 as emissoras analógicas intensificaram a criação de websites na internet para hospedar programação, curiosidades e promoções, entre outros temas. A maioria disponibiliza o áudio ao vivo da programação analógica que está no dial e programas especiais já veiculados, comentários, narração de gols, podcasting dos principais repórteres, comentaristas e âncoras. Nos últimos dois anos algumas emissoras decidiram usar ferramentas para incrementar a relação da emissora com a internet. A instalação de uma câmera nos estúdios físicos para transmissão via internet é a mais comum dessas ferramentas. A rádio CBN, por exemplo, optou há alguns meses pela câmera em tempo real, para veicular as imagens da programação nacional. Mas o recurso ainda suscita certa surpresa para os amantes do rádio baseado essencialmente no áudio, apesar de servir ao propósito de satisfazer a curiosidade de ouvintes em conhecer os bastidores de uma emissora ou pelo menos o funcionamento de um estúdio radiofônico.

2. O ensino de Radiojornalismo

Para Cunha (2005), não se pode descartar tantas modificações e, principalmente, não se pode pensar o rádio como antes. Partindo, então, da conceituação do rádio e da internet surgem questionamentos sobre a prática do Radiojornalismo e, por conseguinte, sobre o ensino de Radiojornalismo. Como manter a essência do rádio, levando aos alunos conceitos e informações, mantendo-os interessados no *rádio convencional* diante de tantas inovações tecnológicas experimentadas por eles fora da sala de aula? De que forma as instituições de ensino superior podem se adequar para permitir aos alunos vivenciar o rádio dentro da própria instituição? E os professores estão preparados e aceitam modificações na metodologia e no cotidiano da sala de aula?

As instituições privadas de ensino superior, com raras exceções, mantêm na grade curricular do curso de Jornalismo apenas duas disciplinas relacionadas ao Radiojornalismo, dando ênfase ao impresso e, mais recentemente, nos novos currículos aprovados, às disciplinas focadas em tecnologia. No espaço de apenas dois semestres letivos, os professores de rádio enfrentam o desafio de apresentar o meio rádio aos alunos, abordar a história do mesmo, introduzir os aspectos principais da linguagem radiofônica, tratar as técnicas específicas de apuração, pauta, redação, reportagem, edição, produção e ancoragem e ainda encontrar espaço para atender a uma demanda crescente do mercado: as relações entre o rádio e a internet.

Uma pesquisa por nós realizada na grade curricular de cinco instituições de ensino privadas de Belo Horizonte, Minas Gerais,

mostrou que a grande maioria delas inclui apenas duas disciplinas específicas de rádio no currículo de Jornalismo. Foram consultadas as grades das seguintes instituições: Centro Universitário de Belo Horizonte, Centro Universitário Newton Paiva, Faculdade Estácio de Sá, Fumec e Pontifícia Universidade Católica. Somente a Fumec oferece três disciplinas de rádio no curso de Jornalismo: Locução, Radiojornalismo I e Radiojornalismo II. As demais instituições concentram o estudo do rádio em duas disciplinas, sempre a partir do terceiro período.

Algumas instituições já mantêm atividades que permitem aproximação estreita dos alunos com o universo radiofônico. Entre as pioneiras no Brasil na criação de *webrádios* estaria a Faculdade dos Meios de Comunicação Social (Famecos), da PUCRS, de Porto Alegre. Em 1999, a faculdade criou a *Radiofam*, emissora de rádio universitária com programação exclusiva na rede de computadores.³ Em Belo Horizonte, a Pucminas lançou, há pelo menos quatro anos, uma *Webrádio*;⁴ o Centro Universitário de Belo Horizonte implantou recentemente a *webrádio* da instituição⁵; na Faculdade Estácio de Sá os alunos da capital mineira enviam material para a emissora *on-line* do grupo no Rio de Janeiro⁶; a Fumec optou por uma emissora analógica comunitária⁷ e o Centro Universitário Newton Paiva não dispõe de uma emissora. Essa última mantém um núcleo

³Disponível em www.radiofam.cjb.net e no site www.pucrs.br/famecos/radiofam.

⁴Disponível em site www.fca.pucminas.br/radio.

⁵Disponível em <http://site1.unibh.br/wpmu/webradio>.

⁶Disponível em <http://www.estaciordiosite.com/radio>

⁷Funciona na frequência 89,9 FM em Belo Horizonte.

de rádio e firmou parceria com a Associação Mineira de rádio e Televisão para atividades prático-pedagógicas dos alunos⁸.

Com efeito, a criação de *webrádios* é um passo significativo para aprimorar o estudo do rádio e a prática extra-classe. Mas ainda é insuficiente, pois atinge parcela pequena dos estudantes de instituições particulares. Geralmente quem tem participação efetiva nessas emissoras são alunos do turno matutino, que na sua grande maioria não trabalham e, portanto, podem atuar como bolsistas ou se dedicar a atividades voluntárias. Os alunos que estudam de noite não conseguem estabelecer uma relação direta com a *webrádio*. Limitam-se a produzir programas de rádio previstos no plano de ensino das disciplinas. Se selecionados pelo professor, esses programas são enviados para as *webrádios* que têm programa *on demand*, arquivos gravados que podem ser acessados pelos internautas de acordo com a demanda de cada um.

Entre os inúmeros desafios que se descortinam na chamada Era da Informação e do Conhecimento (Castells, 2003) para a prática e o ensino do Radiojornalismo, elegemos cinco, elencados a seguir, para reflexão neste artigo: (1) reposicionamento das instituições sobre a liberação de áudio nos laboratórios; (2) utilização de *softwares*, como o *Sound Forge* e o *Vegas*, para edição de áudio pelos alunos e não somente pelos técnicos; (3) preparação dos estudantes para o desenvolvimento do Radiojornalismo aliado a novas tecnologias presentes no cotidiano do jornalista; (4) preparação dos alunos para enfrentar um mercado onde é preciso ser em-

⁸Informações em <http://www.newtonpaiva.br/cursos/curso.aspx?Curso=282>.

preendedor; e (5) atualização e capacitação dos professores. Alguns deles são de ordem prática e são resolvidos facilmente. Outros, entretanto, demandam uma discussão teórico-prática aprofundada e dependem de articulação entre instituição e corpo docente.

A relação entre o rádio e a rede mundial de computadores exige um reposicionamento das instituições de ensino no que diz respeito ao acesso de alunos e professores a computadores e *softwares* nas próprias instituições. A questão pode parecer simples, mas os efeitos dessas decisões são significativos. Em Belo Horizonte, por exemplo, é comum o professor das disciplinas de rádio e os alunos das instituições privadas não terem permissão para acessar *blogs* e *websites* de emissoras de rádio nos laboratórios de informática, onde as aulas acontecem. A decisão institucional de bloquear os conteúdos de áudio inviabiliza a utilização, durante as aulas, do áudio das emissoras analógicas que fazem transmissão pela internet. Impossibilita, ainda, o acesso a muitos outros recursos, como *webrádios*, radiodocumentários, disponíveis em *websites* como o da rede BBC, e *podcastings* veiculados em portais noticiosos, como UOL, UAI, Estadão, entre outros. Além disso, o não acesso a áudio dificulta o uso de *blogs* e de plataformas como *Multiply*⁹, onde é possível armazenar áudio resultante de aula prática e permitir o relacionamento entre os alunos de uma mesma turma ou de turmas do mesmo período letivo. Esse tipo de iniciativa permite a formação de comunidades virtuais, usadas frequentemente pelos estudantes com outros objetivos, como encontrar amigos e

⁹Disponível em <http://multiply.com>.

namorados. Esses recursos podem ser um estímulo ao aprendizado e desenvolvimento de práticas pedagógicas.

Outro desafio de ordem administrativa a ser enfrentado é a instalação de *softwares* para edição de áudio, como o *Sound Forge* ou *Vegas* nos computadores dos laboratórios de informática onde são ministradas as aulas de rádio. Em geral, as instituições de ensino permitem somente aos técnicos contratados pela empresa a manipulação desses *softwares* por reserva de mercado dos operadores de áudio e para evitar problemas como o uso de áudio não autorizado dentro das instituições, bem como a conservação dos equipamentos do estúdio.

O estudante de Jornalismo, em face disso, não tem acesso à edição de áudio, limitando-se às aulas de apresentação do estúdio de rádio pelo professor e pelo próprio técnico e ao acompanhamento passivo do trabalho de edição. A edição digital, todavia, é prática do jornalista contemporâneo nas redações de emissoras em diversos países, incluindo o Brasil. Em Belo Horizonte, as rádios CBN, BandNews FM, Alvorada, Guarani e Itatiaia, entre diversas outras, já utilizam o recurso. A tecnologia digital, indisponível no curso de Jornalismo, está disseminada no cotidiano dos alunos. Mesmo aqueles que não têm muito domínio de *softwares* manipulam com certa facilidade áudio em aparelhos celulares, mp3, gravador digital e recursos sonoros em *sites*.

Tonus (2006) registrou experiência com metodologia de ensino de Radiojornalismo na Uniso, em Sorocaba. Professor e alunos usaram um *software* gratuito para edição de áudio, o *WavePad*, instalado em laboratórios da instituição e na casa dos alunos. Parece-nos que essa seria uma alternativa para valo-

rizar os saberes que os alunos trazem consigo para a universidade. Esse conhecimento, aliado às variáveis tecnológicas, pode suscitar alterações ao perfil do professor e trazer melhorias à qualidade do ensino de Jornalismo em tempos de comunicação digital (Santos e Ribeiro, 2005).

O terceiro desafio está diretamente relacionado aos dois primeiros: a preparação dos estudantes para o desenvolvimento do Radiojornalismo aliado a novas tecnologias presentes no cotidiano do jornalista. Mas vai além das questões institucionais relacionadas. Está inserido no âmbito da formação do jornalista. O comunicador de um futuro próximo deve estar preparado para atuar em diversas frentes e esse contexto não vai ser diferente para o radiojornalista. Ele deve estar apto a utilizar equipamentos modernos, que garantam transmissões ao vivo, e incluam áudio para a emissora de rádio e vídeo para o *site*, além de texto e outros recursos de multimídia. Deve ser um profissional com diversas competências desenvolvidas para atender às demandas da tecnologia digital.

O Brasil integra a *Red Iberoamericana de Comunicacion Digital* (Red ICOD), que promove o intercâmbio entre empresas e universidades. O perfil do profissional de comunicação foi traçado pela rede a partir de um levantamento com profissionais de mercado. Vamos continuar, sim, formando radiojornalistas, mas é premente a inserção de forma efetiva da tecnologia digital nas instituições de ensino superior.

As chamadas “Competências Digitais” são entendidas pelo grupo como os saberes e habilidades que decorrem da introdução da informática nos ambientes

de trabalho comunicacional. Segundo o grupo, a identificação destas competências não anula nem substitui os conteúdos tradicionais dos estudos de comunicação. Trata-se de uma ampliação, com a incorporação de novos saberes e habilidades. (Red ICOD, 2005 *apud* Tárzia, 2008)

A preparação dos alunos para enfrentar um mercado onde é preciso ser empreendedor é o nosso quarto desafio. A tecnologia modifica as condições de produção das redações, especialmente naquelas que são especializadas em notícias. O acesso à informação na internet elimina a necessidade de se enviar repórteres para a cobertura *in loco* – pelo menos esse é o pensamento gerencial que domina o mercado brasileiro. Essa facilidade incentiva a redução do quadro de pessoal, configurando a tendência do investimento das emissoras em ferramentas que garantam acesso à informação por custo menor (Del Bianco, 2004)

O estudante de jornalismo hoje deve estar preparado não só para trabalhar em grandes corporações, com carteira assinada, como funcionário efetivo, mas também deve ter conhecimento e capacidade de se lançar no mercado, investir em iniciativas empreendedoras que tenham a internet como suporte e que demandem poucos recursos financeiros, mas que possam abrir portas e até viabilizar futuros negócios.

A criação e a gestão de negócios próprios, com pequenas agências de notícias especializadas em áudio, *webrádios* segmentadas e trabalhos *freelance* para emissoras comerciais estão entre as possibilidades que surgem para os egressos do curso de Jornalismo. Muitos deles, inclusive em razão da concorrência no mercado de trabalho, têm interesse

em trabalhar autonomamente com produção radiofônica. As disciplinas de rádio por si só não dão conta dessa demanda de formação de empreendedores que lidam com tecnologia digital. Um caminho talvez seja um trabalho conjunto com as disciplinas de gestão, que já existem em muitos cursos de Jornalismo, e em trabalhos de conclusão de curso.

Atualizar e capacitar professores é o último dos cinco desafios propostos neste artigo. Muitos professores buscam metodologia diferenciada para aliar a teoria à prática utilizando novas tecnologias no ensino de Radiojornalismo. Almeida e Klöckner (2005) e Tonus (2006) descrevem experiências de notável sucesso nesse campo.

Algumas iniciativas, no entanto, parecem ser muito mais um trabalho solitário, vinculado diretamente às inclinações do professor, do que algo que reúna as diversas instâncias pedagógicas envolvidas na formação do aluno. Tonus (2006:01) comentou sobre o assunto: “A discussão teórica sobre Radiojornalismo e internet tem indicado essa necessidade de mudança, mas parece estar nas mãos dos docentes ações que alterem a realidade do ensino de Radiojornalismo”.

O professor horista, que não tem dedicação exclusiva à instituição, a maioria atuante nas faculdades particulares, convive pouco com os colegas e com os representantes de outras instâncias da empresa. O desenvolvimento de projetos e a sua participação em reuniões, cursos e seminários promovidos pelas próprias escolas nem sempre é possível. Em razão dessa condição, as instituições privadas investem pouco na participação de seus professores em eventos científicos nos quais as discussões contem-

porâneas têm lugar e em grupos de pesquisa dentro das próprias escolas.

3. Considerações finais

Os dois primeiros desafios – o reposicionamento das instituições sobre a liberação de áudio nos laboratórios e a utilização de *softwares* para edição de áudio pelos alunos, e não somente pelos técnicos –, estão centrados na órbita administrativa. Dependem de uma postura mais ousada das instituições, que devem compreender a internet como um meio onde circula todo tipo de conteúdo e não apenas o texto escrito. Não é necessário investimento; apenas decisão de desbloquear conteúdos de áudio e autorizar o uso de *softwares* gratuitos. O terceiro desafio está centrado na revisão e porque não dizer reinvenção do curso de Jornalismo que deve ser cada dia mais voltado para o incentivo a iniciativas próprias dos alunos nas disciplinas e nos projetos de conclusão de curso, evitando uma formação centrada prioritariamente nas grandes empresas de comunicação, que não serão necessariamente os grandes empregadores do futuro.

Preparar os estudantes para desenvolver o Radiojornalismo por meio de novas tecnologias depende de investimento financeiro em infra-estrutura e de atualização de equipamentos, como a troca de gravadores analógicos por digitais, a ampliação do número de computadores com *softwares* de edição de áudio, e o aumento da capacidade dos computadores disponíveis nos laboratórios de informática, de forma a viabilizar a audição e manipulação dos recursos de áudio. O quinto e último desafio está relacionado à capacidade das instituições e do próprio corpo docente de conseguir unir os professores de rá-

dio em projetos comuns para as disciplinas, de atualizá-los sobre as possibilidades para o desenvolvimento de novas técnicas e métodos de ensino e de garantir junto a essas instituições o investimento em capacitação.

Aliada a tudo isso está a necessidade premente de promover maior integração entre o mercado profissional e as instituições de ensino superior, com vistas a estreitar as relações e a troca de informações, de forma a contribuir para a revisão de métodos de ensino bem como do perfil do profissional de Radiojornalismo.

4. Referências

- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CUNHA, Magda. Rodrigues. Não é mais possível pensar o rádio como antes. *Razon y palabra, México*, v. 48, 2005.
- BIANCO, N. R. Remediação de radiojornalismo na era da informação. In: II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2004, Salvador - BA. II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2004. v. 01. p. 40-40
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- KLÖCKNER, Luciano; ALMEIDA, João Brito de. Radiofam: a experiência digital dos alunos da FAMECOS - PUCRS na internet. In: VIII Seminário Internacional de Comunicação, 2005, Porto Alegre, 2005.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MEDEIROS, Macello. *Transmissão Sonora Digital: Modelos Radiofônicos e Não Radiofônicos na Comunicação Contemporânea*. In: XX Congresso Brasileiro da Comunicação: Santos/SP, 2007.
- MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação: Campo Grande, 2001.
- ORTRIWANO, Gisella.S. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- QUADROS, Cláudia. I. ; GODOY, Elisângela Ribas ; ROLIM, M. . rádio web: uma experiência na UTP. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação: Porto Alegre, 2004.
- SANTOS, Adriana Cristina Omena dos ; RIBEIRO, R. M. R. . As novas tecnologias de comunicação no ensino de Jornalismo nas Universidades Federais. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro, 2005.
- SOUZA, Jorge Pedro. A prática antes da teoria e o foco no objeto: Uma proposta para o ensino universitário do jornalismo. In: XXVIII Congresso de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005.

TÁRCIA, Lorena P. T. A formação do jornalista em tempos de convergência das mídias digitais: uma proposta de ensino. In: XI Encontro Nacional de Professores de Jornalismo: São Paulo, 2008.

TONUS, Mirna. Edição de áudio na formação em radiojornalismo. In: IX Encontro Nacional de Professores de Jornalismo: Rio de Janeiro, 2006.

TRIGO-DE-SOUZA, Lígia Maria. As categorias do rádio na internet. Idade Mídia: revista da Faculdade de Comunicação Social Fiam-Faam Centro Universitário. São Paulo: FIAM-FAAM, v.1, n.2, p.17-26, 2º sem.2002.